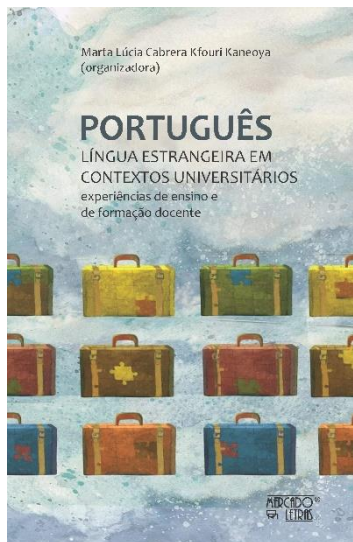


UM MOSAICO DE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO E NA PESQUISA DO PLE – PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

 Silvia Ines Coneglian Carrilho de Vasconcelos¹



Marta Lúcia Cabrera Kfourir Kaneoya (Org.). **Português Língua Estrangeira em Contextos Universitários: experiências de ensino e de formação docente.** Campinas (SP): Mercado de Letras, 2019, 294 páginas. ISBN: 978-85-7591-455-7

1. Professora Doutora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e do PROFLETRAS da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: silviaconeglian@terra.com.br.

Recebido em: 15/02/2021

Aprovado em: 20/03/2021



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

A coletânea organizada pela Professora Doutora Marta Lúcia Cabrera Kfourir Kaneoya da Unesp de São José do Rio Preto conta com a colaboração de professores universitários do Brasil e de Portugal (Coimbra) e México (Cidade do México) do campo do ensino e da pesquisa de português como língua estrangeira (PLE). A organização da obra apresenta um aspecto peculiar: inicia com “Princípios para ensinar-se português brasileiro para a paz: reflexões rimadas” em forma de poema rimado e finaliza com um pequeno poema de cultivo à PAZ pela via da comunicação respeitosa, ambos de autoria do Professor Doutor Francisco Cardoso Gomes de Matos, professor Emérito da UFPE e autor da Declaração Universal

dos Direitos Linguísticos, cujo documento teve apoio de Noan Chomsky, Dalai Lama e Nelson Mandela. Composta por dez capítulos traz a contribuição de dezesseis autores, com experiências no ensino e na pesquisa em PLE que variam de alguns poucos anos há mais de 30 ou 40 anos.

O primeiro deles é um recorte da tese de doutorado de Aline de Souza Brocco, orientada por Douglas Consolo da Unesp de SJRP, com quem divide a autoria do capítulo intitulado “Avaliação e formação de professores de português para falantes de outras línguas no contexto de Teletandem institucional integrado”. Neste capítulo os autores apresentam um excelente panorama explicativo da origem na Alemanha dos anos 60 do século XX e de todos os procedimentos de implantação do Teletandem no Brasil, explicam a origem do termo tandem (uma bicicleta de dois bancos em que ambos ciclistas têm de fazer esforço conjunto para alcançar a meta desejada) e descrevem a pesquisa realizada com muitos detalhes acerca do processo vivenciado por alunas do curso de Letras da Unesp de São José do Rio Preto. Por se tratar de atividades colaborativas de aprendizagem de línguas, a experiência envolveu alunas do curso de letras inglês com alunas e alunos estadunidenses aprendentes de português. Além da descrição das atividades realizadas, os autores ilustram bem o processo de avaliação e *feedback* dos interagentes, como são chamados os membros da dupla de participantes da experiência e mostram os benefícios do Teletandem no desenvolvimento da proficiência linguística na aprendizagem de uma língua estrangeira.

O segundo capítulo é da Professora Doutora Edleise Mendes da UFBA, cuja trajetória no campo do ensino e da pesquisa em PLE é bastante conhecida e reconhecida nacional e internacionalmente. O título é “Formar professores de português LE/L2 na universidade: desafios e projeções” (p. 65-94). Os pontos centrais tratados nessa contribuição de Mendes são: a) um panorama sintético das iniciativas voltadas à formação de professor de PLE ou PSL (Português como Segunda Língua) no âmbito das universidades brasileiras, especialmente em relação ao pioneirismo da UnB com seu curso de graduação voltado ao ensino de português a falantes de outras línguas, estendendo a outras iniciativas como as da Unicamp, PUC/SP, UFRGS e UFCE; b) uma problematização extremamente pertinente a respeito do que é uma língua estrangeira ou segunda língua, seu ensino e o alcance das pesquisas, que envolvem necessariamente questões importantes como poder, conflito, interesses vários, mercadologia das línguas, entre outros; c) considerações bem marcadas acerca das indicações teóricas referentes às concepções de língua(gem) e dos desafios no desenho de cursos de formação de professores de PLE/PSL. Finaliza o capítulo indicando fortemente a necessidade de uma abordagem interculturalista com aporte teórico e metodológico de diversas áreas do conhecimento como a Sociologia, a Antropologia, a Análise do Discurso, a Linguística, a Linguística Aplicada, os Estudos Culturais, dentre outras.

O terceiro capítulo – “Da tradição à modernidade: ensino, formação e investigação em português L2 na Universidade de Coimbra” - é de autoria de Isabel Pereira, Isabel Santos e Cristina Martins,

professoras da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. As autoras apresentam primeiramente uma retrospectiva histórica das atividades iniciais do ensino de PLE na Universidade de Coimbra cujo início dos cursos no verão data de 1925. Discorrem sobre as várias modalidades que vêm sendo oferecidas com excelentes indicações de sites para o leitor poder acessar mais dados acerca desses cursos. Em relação à formação docente, as autoras apontam como marco importante a criação do mestrado em PLE e LS (língua segunda) desde 2007 e que a produção intelectual desse curso de mestrado gerou um conjunto de registros os quais servem de base para pesquisas que é justamente o último aspecto proposto pelas autoras. Nesse item, a investigação em PLE ou L2, as três autoras compartilham informações preciosas para quem deseja se aprofundar no assunto, indicando os projetos e programas bem com os links dos sites ou plataformas de conteúdo como o NIFLAR (Networked Interaction in Foreign Language Acquisition and Research), o Euroversity bem como os Corpora oral e escrito.

“A área de PLE no Brasil: iniciativas governamentais, formação de professores e cursos para estrangeiros” é o título do quarto capítulo, de autoria de Isabela Abê de Jesus, mestre em Estudos Linguísticos pela UNESP de São José do Rio Preto. A autora apresenta um breve panorama das iniciativas governamentais brasileiras em especial com relação à divulgação da língua portuguesa evidenciando a atuação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Inclui na lista de ações governamentais a Sociedade Internacional de Português como Língua Estrangeira (SIPLE) e o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), indicando as principais ações como a divulgação de pesquisas, promoção de cursos e publicações no caso da SIPLE e com o Vocabulário Ortográfico Comum (VOC), a revista PLATÔ e o Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não Materna (PPPLE) no caso do IILP. Finaliza o capítulo com informações acerca de algumas universidades públicas (federais e estaduais) que oferecem curso de PLE tanto na graduação quanto na extensão universitária, sem, no entanto, cobrir todas as que estão engajadas no ensino e na pesquisa de PLE.

O quinto capítulo é de autoria do Professor Doutor José Carlos Paes de Almeida Filho, professor da UnB, cuja experiência na área de ensino e formação de professores de língua estrangeira vem de longa data. “O ensino de línguas na universidade” é o título do capítulo e nele Almeida Filho tece comentários bem gerais a respeito do ensino de línguas estrangeiras nas universidades brasileiras, abarcando o inglês e o espanhol primeiramente para, depois, tratar do português como língua estrangeira. O autor faz duras críticas aos programas de investimentos em parcerias que foram descontinuados como o Mercosul e as iniciativas do BRICS (Brasil, Rússia, China e África do Sul). Aponta, por exemplo, a falta de reciprocidade na oferta das línguas faladas na América do Sul (espanhol e português) por países do Mercosul em evidente descompasso com o investimento brasileiro em relação ao ensino de espanhol introduzido nas escolas brasileiras face ao baixo investimento em relação ao ensino de português nas escolas sul-americanas,

excetuando o caso argentino. Ao final do capítulo, Almeida Filho deixa uma contribuição aos leitores com referência a procedimentos de apoio a aprendentes no sentido de fomentarem seus processos de aprender uma nova língua.

Os Professores Doutores Kleber Aparecido da Silva da UnB e Rubens Lacerda de Sá do IFSP compartilham a autoria do sexto capítulo intitulado “(Falta de) Políticas de ensino e de aprendizagem de português para falantes de outras línguas: uma interface entre o real e o ideal. Trazem uma importante explicitação da nomenclatura utilizada comumente para as diversas modalidades do ensino de língua portuguesa: como PLH (português como língua de herança), PLA (português como língua adicional), dentre outras, embora não aprofundem muito a pesquisa dos termos que estavam à época da publicação da obra, pois muitos deles foram cunhados para dar conta de outras realidades, como tem sido divulgados em redes sociais, por exemplo. Advogam o uso de PFOL – Português para Falantes de Outras Línguas – como o mais adequado. Depois, apresentam um quadro da representatividade da língua portuguesa no mundo e evidenciam seu papel de mercadoria num mundo globalizado para apontar a ausência de uma política pública de ensino e de aprendizagem mais efetiva no Brasil.

O sétimo capítulo é de autoria da Professora Doutora Maria Denise Guedes da Unesp de São José do Rio Preto e de Christiane Dias, doutoranda na UFSC. Ambas foram bolsistas do Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa (PQLP) da CAPES-UFSC, no Timor-Leste. Expressando suas experiências em território leste-timorense, compartilham o texto “A questão linguística e o ensino em/da língua portuguesa em Timor-Leste: breves reflexões”. As autoras como bolsistas do PQLP desenvolveram atividades pedagógicas formuladas em língua portuguesa. Por isso, apresentam reflexões importantes em relação à complexidade linguística no Timor-Leste. Para dar ao leitor um quadro geral de tal complexidade, primeiramente retomam a constituição daquele país como colônia portuguesa, a breve desvinculação de Portugal seguida da invasão indonésia, o processo de resistência interna contra os indonésios até chegar na época da restauração efetiva do país e a promulgação de sua constituição, na qual as línguas portuguesas e tétum estão explicitadas como línguas oficiais. Finalizam o capítulo mostrando sucintamente alguns cenários do ensino de conteúdos realizados tanto em língua portuguesa quanto em língua tétum.

A Professora Doutora Marisela Colin Rodea, do Departamento de Linguística Aplicada do Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras da Universidad Nacional Autónoma de México, assina o oitavo capítulo: “A metáfora do espelho: mecanismos linguísticos e cognitivos na produção escrita em português de alunos hispano falantes universitários”. Rodea retoma estudos sobre os neurônios espelhos no campo das pesquisas cognitivas que estariam vinculados à expressão de empatia, entrelaçando com as atividades de escrita textual de alunos aprendentes de português como língua estrangeira em contexto universitário na

cidade do México. As atividades de escrita estão centradas na crônica de autores brasileiros e encontram-se bem detalhadas no capítulo como os procedimentos seguidos e o uso de um diário de registro de comentários pessoais acerca da experiência. Os resultados das atividades desenvolvidas apontam para um caminho promissor de trabalho com o texto literário e o envolvimento empático dos alunos.

O nono capítulo é de autoria da organizadora da obra, a Professora Doutora Marta Lúcia Cabrera Kfoury Kaneoya da Unesp de São José do Rio Preto, cujo título é “O professor de línguas como um agente interculturalista e humanizador em um contexto de ensino de português língua estrangeira na universidade: implicações para a formação docente”. Partindo da concepção de língua numa perspectiva dialógica associada a aspectos interculturalistas e humanistas, a autora apresenta uma síntese dos projetos que são desenvolvidos na instituição em que trabalha. Os projetos pensados inicialmente para alunos universitários estrangeiros passaram a atender também refugiados, ampliando, assim, o alcance de públicos para além da comunidade acadêmica.

E o décimo e último capítulo da coletânea “A prática de professores de português língua estrangeira (PLE) durante a formação acadêmica: identidades reconstruídas” ficou a cargo da Professora Doutora Nildiceia Aparecida Rocha da Unesp de Araraquara. Partindo da concepção de identidade como um conceito plural, movediço e em transformação permanente, Rocha primeiramente apresenta o projeto de extensão de ensino de PLE de sua instituição de ensino superior localizada no interior do estado de São Paulo para, depois, tecer considerações acerca das experiências de alunos participantes do projeto como professores de PLE. Questões como trazer aspectos culturais em sala de aula, como os participantes vivenciam o ensino de PLE e como isso os afeta, fazendo emergir problematizações que não se faziam presentes no ensino de português como língua materna, por exemplo, são itens importantes para aqueles que buscam essa outra vertente de trabalho com o ensino de língua portuguesa. Na conclusão, a autora apresenta sucintamente os deslocamentos identitários dos participantes do projeto, considerados positivos, que valem a pena serem considerados em futuros projetos do campo do ensino de PLE.

Finaliza a coletânea, como já dito no início dessa resenha, um poema do Professor Francisco Gomes de Matos, seguido de um minicurriculo dos autores para melhor localizar o leitor sobre o lugar de fala de cada contribuição acadêmica. É uma obra indicada àqueles que estão se iniciando nessa área de PLE, pois apresenta um bom panorama de algumas iniciativas nesse campo bastante promissor do ensino e da pesquisa do português como língua estrangeira, língua segunda, língua materna ou para falantes de outras línguas, além de outras denominações que estão sendo cunhadas na atualidade.